
PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS PARA A ELABORAÇÃO DE UMA MONOGRAFIA

**José Henrique Volpi
Sandra Mara Volpi**

RESUMO

A proposta deste artigo é trazer aos alunos de cursos de Especialização algumas orientações quanto à elaboração de uma monografia, bem como algumas normas estabelecidas para a elaboração da mesma pelos alunos do Centro Reichiano que estão cursando a Especialização em Psicologia Corporal.

Palavras-Chave: Centro Reichiano. Especialização. Monografia. Psicologia Corporal.

A monografia é um dos requisitos parciais obrigatórios para a conclusão de todos os cursos de graduação e de especialização. Como forma de auxiliar nossos alunos do curso de Especialização em Psicologia Corporal, ministrado pelo Centro Reichiano, Curitiba/PR, é que montamos essa apostila.

É importante considerar que cada instituição tem suas normas particulares, as quais o aluno deve seguir rigorosamente. O Centro Reichiano também possui as suas, começando pelo número de páginas que deve ser de no **mínimo 40** (já contando com folha de rosto, resumo, sumário, etc.) e **máximo 60 páginas**.

Monografia é uma investigação científica focada em um único assunto, como sugere a própria etimologia da palavra. A proposta pode ser, por exemplo, correlacionar o assunto a uma determinada abordagem, ou a outro assunto que o explique. Pode também ser delinear uma nova maneira de compreender o assunto, ou ainda, uma nova prática para elaborá-lo.

Assim, a primeira escolha a ser feita, retomando o início, é do assunto a ser pesquisado. O assunto deve ser definido com base nos interesses do pesquisador, e, além disso, deve ser algo que mereça ser pesquisado, a partir de sua utilidade e relevância.

É fundamental lembrar que a monografia pressupõe um trabalho de pesquisa sobre um tema, com vistas a resolver o problema que é levantado pelo pesquisador ao delimitar o assunto.

Segundo D'Oliveira (1984, p. 10):

A escolha de um problema [...] tanto pode refletir o estágio atual de conhecimento da ciência, onde há lacunas a serem preenchidas – e o pesquisador, então, decide realizar um estudo para preenchê-las –, como pode refletir o próprio investigador: seus conhecimentos, seus interesses e circunstâncias de vida.

O ideal, aos nossos olhos, é que a escolha do assunto tenha ambas as qualidades: importância do ponto de vista da ciência e igualmente dos interesses e necessidades do próprio pesquisador. É isso que justifica o trabalho, ao ponto que essa importância pessoal e científica pode e deve estar citada no texto.

A monografia, então, como vista até aqui, inicia-se com a escolha do assunto.

Na seqüência, definir o problema é o mesmo que escolher o tema da pesquisa, recortado, delimitado a partir do assunto que interessa a quem pesquisa, pois nem sempre temos um problema formulado quando elegemos o assunto para a monografia.

Segundo Kerlinger (s/d, p. 35), “em sentido geral, um problema é uma questão que mostra uma situação necessitada de discussão, investigação, decisão ou solução.” A nível científico, mais do que expor essa necessidade, o problema deve investigar e relacionar todas as variáveis envolvidas. Por seu turno, variável, como o próprio nome já diz, é algo que varia; um símbolo. É uma propriedade à qual se atribui diferentes valores. É o oposto de constante, quando há um único valor associado. Variáveis pressupõem dois ou mais valores, ou dicotomias, conceitos antagônicos. São os “fenômenos” associados ao problema, a serem observados pelo pesquisador, de acordo com D’Oliveira (1984). As variáveis de uma pesquisa podem ser dependentes ou independentes. As variáveis independentes são aquelas que se podem manipular numa experiência, de forma a observar as reações que tal manipulação provocaria. Justamente o que se pode observar como resultado, ou seja, as reações em si compõem as variáveis dependentes (GERRIG; ZIMBARDO, 2005).

A partir da definição do problema, dá-se o direcionamento do trabalho como um todo, uma vez que um problema que pode ser testado empiricamente pode vir a compor uma pesquisa científica de campo, enquanto um problema teórico, discutido a nível também teórico, dá lugar, por exemplo, a uma revisão bibliográfica.

O problema deve:

- Assumir a forma de pergunta;
- Ser especificado, partindo-se de uma questão ampla;
- Ser claro e preciso, partindo de termos preferencialmente observáveis.

É desejável que o problema a ser pesquisado, uma vez que é um recorte do assunto, tenha tanto relevância social quanto científica: cabe ao pesquisador demonstrar, com a formulação do problema, a interação entre a pesquisa e a sociedade, por meio de sua utilidade prática, e o que já foi pesquisado sobre o tema até então, de forma que a pesquisa se constitua em uma nova contribuição na sua área.

Demo (1987) sugere alguns passos a serem seguidos, após a definição do problema, que são úteis como esquema para a elaboração do trabalho científico:

1. Formulação da hipótese de trabalho: partindo-se do problema é uma suspeita ou uma sugestão para explicar ou resolver o próprio problema, cuja principal qualidade é ser provisória.
2. Construção do roteiro de trabalho:
 - 2.1. Construção de um quadro teórico de referência: pesquisa de aportes clássicos e atualizados feitos sobre o assunto a ser pesquisado.
 - 2.2. Busca de material: verificação do conhecimento prévio sobre o assunto (quanto há; qual é; se é ou não aceitável).
 - 2.3. Ordenamento da pesquisa: descrição da seqüência de idéias e argumentos na forma de capítulos.
3. Teste da hipótese: discussão teórica, crítica e/ou teste de argumentos teóricos e práticos que desembocará na aceitação da hipótese ou em sua rejeição, seguida ou não de reformulação da própria hipótese.

Demo (1987) ressalta, a esse respeito, que as hipóteses são testadas pela pesquisa, e que uma vez comprovadas e aceitas poderão novamente ser questionadas, levantando-se então a novas hipóteses. Ainda assim, a pesquisa terá dado sua contribuição à ciência na medida em que ultrapassou o campo da “mera suspeita” (p. 49).

4. Conclusões: partindo-se do problema e da(s) hipótese(s) descrita(s) no início da pesquisa, é a chegada à resposta.

Segundo o esquema acima, definido o assunto e delimitado o problema, é chegada a hora de elaborar as hipóteses, ou objetivos específicos da pesquisa. Visto por esse ângulo, o problema é o objetivo geral e as hipóteses, que compõem possibilidades de resposta à pergunta formulada pelo problema, são os objetivos específicos. Segundo Danielli *apud* Mello (s/d, p. 9), “os objetivos específicos atacam diretamente o ponto nevrálgico de nossa pesquisa, razão pela qual se costuma dizer que eles geram os capítulos”.

Uma vez que o problema assumiu a qualidade de questionamento, as hipóteses, que também norteiam a monografia, partem de afirmações. De toda maneira, tanto o problema quanto as hipóteses serão testados pela monografia, serão discutidos e, se possível, o problema será respondido, e as hipóteses, comprovadas ou refutadas. Esse teste do problema e das hipóteses é a tarefa central da pesquisa a ser efetuada.

Como visto no esquema, é também importante considerar o que já existe escrito sobre o assunto. Isso não quer dizer que a monografia repetirá algo já pesquisado anteriormente; aliás, não se deve esquecer que se espera de uma monografia uma nova contribuição à ciência, indo além do que já foi pesquisado, dito e escrito sobre o assunto. No entanto, é importante pesquisar o que já foi produzido anteriormente.

Pesquisa é eminentemente o processo de apreensão científica de uma determinada realidade. Como ciência, é reflexo de uma necessidade social. Isso quer dizer que pesquisar significa debruçar-se sobre uma questão que se demonstra relevante para ser estudada, discutida, analisada, e que em se fazendo isso, será possível contribuir para o crescimento tanto da ciência quanto da sociedade.

A pesquisa, segundo Demo (1987), é a atividade básica da ciência, pois é através dela que se gera o conhecimento a ser transmitido e absorvido. Uma vez que a pesquisa leva à descoberta da realidade, e que sempre há ainda o que se descobrir, a pesquisa é uma tarefa que nunca se esgota. Possibilita aproximações sucessivas à realidade, mas nunca é definitiva.

Como se pesquisa, ou seja, como se estuda, discute, analisa uma questão, compõe o método científico.

O método científico é precisamente a busca de se resolver o problema, testar as hipóteses e chegar a conclusões. Também fazemos isso no nosso dia a dia, a respeito do mundo ao nosso redor, de acordo com D'Oliveira (1984). Na pesquisa científica, a resolução de problemas se dá através de métodos padronizados, que asseguram uma probabilidade mínima de erro, de forma a se aproximar o quanto mais possível de uma verdade objetiva.

Ainda de acordo com D'Oliveira (1984), o tipo de pesquisa é determinado pela natureza da relação entre as variáveis, sendo que há três tipos básicos de pesquisa: descritiva, correlacional e experimental. O primeiro tipo de pesquisa – descritivo – observa e registra eventos do mundo real. Nesta primeira categoria encaixa-se todo tipo de observações naturalísticas e estudos de caso, em que se apresentam estruturas de comportamento. Gerrig e Zimbardo (2005, p. 65) classificam esse tipo de descrição como “medidas e observações comportamentais”. As observações naturalísticas tratam de ações e reações visíveis no comportamento, que são observadas e registradas, excluindo o comportamento auto-relatado. Segundo Gerrig e Zimbardo (2005), a observação naturalística se dá acerca um comportamento sobre o qual o pesquisador não interfere ou incide modificações. É de grande utilidade na coleta de dados para a formulação de hipóteses, podendo caracterizar a etapa inicial de uma investigação. Quando todas as medidas comportamentais focalizam-se em um único indivíduo, desenvolve-se então um estudo de caso (GERRIG; ZIMBARDO, 2005).

Quando se estuda a relação funcional entre características de diferentes eventos estudados – o que pode ser um passo além de uma pesquisa descritiva – fala-se em pesquisa correlacional. Gerrig e Zimbardo (2005) apontam que o método correlacional é o mais indicado quando as características estudadas são difíceis de manipular em um experimento ou mesmo não podem ser manipuladas, por questões éticas. O método correlacional ajuda a “... determinar em que extensão duas variáveis, traços ou atributos estão relacionados”. (GERRIG; ZIMBARDO, 2005, p. 60). Mas é importante sublinhar que correlacionar duas questões não implica, necessariamente, numa relação de causa e efeito. Nas palavras desses autores, “...

uma correlação forte indica apenas que os dois conjuntos de dados estão relacionados de forma sistemática, não querendo dizer que um causou o outro. *Correlação não implica causalidade*” (GERRIG; ZIMBARDO, 2005, p. 61).

Quando a realidade observada é manipulada, controlando-se as variáveis, adentra-se então o campo da pesquisa experimental. Nela, pretende-se concretizar observações e conclusões sobre relações funcionais. É realizada sempre que possível (eticamente inclusive) e desejável, e pode ser o complemento ideal a uma boa pesquisa descritiva ou correlacional.

Assim, em linhas gerais, a primeira definição que se faz a respeito da pesquisa de uma monografia é se ela será experimental ou não-experimental. “Um experimento é um estudo no qual uma ou mais variáveis independentes são manipuladas...” (KERLINGER, s/d, p. 125), seja em laboratório, seja em campo. No primeiro ambiente (laboratório), a pesquisa é isolada fisicamente, e as variáveis são detalhadamente especificadas e controladas, o que não acontece em campo. Mas em ambos (laboratório e campo), há manipulação de variáveis. Já a pesquisa não-experimental diferencia-se fundamentalmente por não haver nenhum controle sobre as variáveis, muitas vezes porque as variáveis simplesmente não são manipuláveis, mas apenas observáveis.

Demo (1987), por sua vez, classifica a pesquisa em teórica, metodológica, empírica e prática. A pesquisa teórica pode abranger, por exemplo, a descrição de referências sobre um determinado assunto, por meio da leitura de autores relevantes ou da bibliografia fundamental a respeito. A pesquisa teórica não deve tornar-se uma especulação – embora na especulação se encontre a qualidade da criatividade –, nem ser uma mera repetição de idéias. A respeito do risco da repetição, Demo (1987, p. 24) afirma:

O bom teórico não é tanto quem acumulou erudição teórica, leu muito e sabe citar, mas principalmente quem tem visão crítica da produção científica, com vistas a produzir em si uma personalidade própria, que anda com os próprios pés. É mau teórico quem não passa do discípulo, do colecionador de citações, do repetidor de teorias alheias.

Então, vale sublinhar que construir saber é diferente de transmitir conhecimentos e diametralmente oposto à repetição de idéias. É com a construção do saber que se faz a ciência.

Para que se faça ciência, é preciso que se opte por um caminho, e é precisamente esse caminho que será analisado pela pesquisa metodológica – outro tipo de pesquisa citado por Demo (1987), e que se correlaciona às idéias já mencionadas de D'Oliveira (1984) e Kerlinger (s/d) a respeito do método científico. Pode-se utilizar um caminho já traçado anteriormente, e reconhecido como método de pesquisa, ou pode-se criar um método próprio e validá-lo por meio de sua aplicação.

Kerlinger (s/d), a pesquisa metodológica estuda a teoria e a prática dos instrumentos de mensuração através dos quais se obtém e analisam dados. Segundo o mesmo autor (s/d, p. 349), "... quase toda pesquisa precisa de alguma espécie de mensuração. Se já existem instrumentos apropriados, o pesquisador deve ter a capacidade de apreciá-los. Se não existem, ele deve ter a capacidade de construí-los".

A pesquisa empírica, por sua vez, concretiza na realidade a teoria. Busca observar e experimentar fenômenos, manipulando dados. Mas vale reforçar a idéia de que pesquisa empírica e teórica complementam-se: o mesmo risco que a pesquisa teórica corre quando se torna mera especulação ou repetição de idéias, a empírica corre ao acumular dados sem significado ou ao apenas descrever fenômenos observados, sem conectá-los à realidade ou desvendar seu valor prático.

A pesquisa prática tem por objetivo testar idéias, testar a teoria. Demo (1987, p. 26) afirma: "Freqüentemente dizemos que na prática a teoria é outra. Isto não quer somente dizer que pode sempre haver dissonâncias entre os dois níveis, mas principalmente que um não se faz sem outro". Daí o erro em que se incorre ao somente se teorizar ou somente praticar.

Prática não é apenas o trabalho que se pode efetuar a partir de uma teoria; é também a posição que o cientista assume perante a realidade.

Kerlinger (s/d) aponta ainda outro tipo de pesquisa, a saber: a investigação histórica. Trata-se de uma investigação crítica de informações sobre o passado, partindo-se de evidências e fontes válidas e da interpretação das evidências.

Uma vez que nunca dominamos completamente a realidade, pesquisamos...

Ao chegarmos às conclusões da pesquisa, vale lembrar: "...todas as conclusões científicas (...) exigem comparações" Kerlinger (s/d, p. 142).

Ao escrever cada uma das partes que compõe a sua monografia, há alguns pontos que merecem especial atenção. Lembre-se sempre que ela será disponibilizada na biblioteca do Centro Reichiano, e por esse motivo, poderá ser lida por todos que a consultarem. Isso significa que tanto alunos familiarizados com a linguagem da Psicologia Corporal, quanto outros, ainda não familiarizados, serão seus leitores. Portanto, sua monografia deve ter uma linguagem acessível, sem cair numa simplicidade excessiva. A melhor linguagem é aquela que consegue reunir como qualidades a clareza (seguindo uma lógica de pensamento), a precisão (sem apresentar duplos sentidos) e a objetividade (evitando prolixidades) (MELLO, s/d).

Ressaltamos que a forma mais eficiente para se lapidar como escritor é ser um bom leitor. Isso quer dizer, em especial quando falamos de monografia, que as leituras devem ser feitas com real disposição, com consciência de sua utilidade, com espírito crítico e, sobretudo, com atitude de pesquisador, sabendo selecionar o que realmente importa ao seu interesse.

Quando nos propomos a realizar um trabalho deste tipo é normal que a primeira impressão seja de perplexidade. Não sabemos por onde começar, sobretudo se nunca nos tínhamos metido antes no assunto. Todavia, é a situação normal de quem se julga pesquisador e não detentor de saber evidente e prévio. Pesquisador é alguém que se propõe a descobrir a realidade, supondo que nunca a sabemos satisfatoriamente. Sempre há o que se descobrir. Quem parte de evidências nada tem a pesquisar. O processo de superação desta perplexidade inicial é algo central na formação científica de uma pessoa. (DEMO, 1987, p. 49-50)

Essa superação pode ser alcançada, e muito, por meio da criatividade. Além disso, pesquisar e escrever uma monografia é uma prática de leitura e de levantamento de informações. Isso quer dizer que não se deve pretender que as respostas surjam prontas, limitando as leituras e a busca de informações, mas sim, manter-se a mente aberta à imaginação das respostas possíveis e suas alternativas.

Os elementos que deverão compor sua monografia estão detalhados na apostila “Orientações para a elaboração da monografia”.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

D’OLIVEIRA, M. M. H. **Ciência e pesquisa em psicologia: uma introdução**. São Paulo: EPU, 1984.

GERRIG, R. J.; ZIMBARDO, P. G. **A psicologia e a vida**. 16ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EPU, [200?].

MELLO, P. R. B. **Metodologia científica**. [S.l.: s.n, 199?].

AUTORES

José Henrique Volpi/PR - Psicólogo, Especialista em Psicologia Clínica, Psicologia Corporal, Anátomo-Fisiologia, Psicodrama, e Análise Reichiana (Vegetoterapia e Orgonoterapia). Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP) e Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br

Sandra Mara Volpi/PR - CRP - 08/5348 - Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica, Psicopedagogia, Psicoterapia Infantil, Psicologia Corporal e Análise Bioenergética (CBT). Mestranda em Tecnologia (Universidade Tecnológica Federal do Paraná). Diretora do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br
